

MUNDARÉU
UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Temporada 2 - Programa 11 (3º)
Estamos ligadas por cordões umbilicais

Publicado em: 08/02/2021

Transcrição do episódio: Janaína Aleixo

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

ABERTURA

Música de abertura: “Mudernage”, de Ellen Oleria

Daniela: Oi pessoal, estamos de volta com o terceiro episódio da segunda temporada do Mundaréu, podcast de Antropologia. Eu sou Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo da Unicamp.

Soraya: E eu sou a Soraya Fleischer, antropóloga e professora da UnB. Vamos continuar nessa temporada falando sobre as nossas pesquisas. Hoje, vamos falar com a Paula Viana, minha interlocutora há mais de dezesseis anos em várias das minhas pesquisas. A Paula é enfermeira e feminista, coordenadora do Grupo Curumim, gestação e parto. Essa é uma ONG que tem sede em Recife e atua em vários estados do Nordeste e do Norte.

Daniela: Vamos falar sobre parto, parteiras tradicionais, enfermagem e obstetrícia.

Soraya: Isso mesmo, Dani. Eu quero comentar rapidinho a cronologia desses 16 anos de amizade e trabalho com a Paula Viana. Eu comecei meu doutorado em 2003, cumpri os créditos lá na UFRGS e depois fui fazer o meu trabalho de campo. Entre 2004 e 2005, convivi com parteiras em Antigua, no interior da Guatemala, e, no Brasil, em cidades de Minas Gerais, Bahia, Pará e Pernambuco. Defendi a tese em 2007 e lancei o livro em 2011. Depois, voltei a Recife para uma nova pesquisa, já sobre a epidemia do vírus Zika, e por lá transitei entre 2016 e 2019 e um primeiro livro dessa pesquisa foi publicado em 2020.

Daniela: Vamos falar sobre Antropologia da Saúde, saúde pública e epidemias como a do Zika vírus. Como que Soraya fez pesquisa sobre esses temas? O que ela aprendeu com a Paula, e o que elas aprenderam juntas? Esse episódio foi gravado de nossas casas, em outubro de 2020.

BLOCO 1: Escuta qualificada

Música: “Templo do tempo”, de Flaira Ferro

Soraya: Então vamos lá, eu vou situar vocês no tempo. 2004, uma temporada de três meses, maio, junho e julho e eu tava na Guatemala, na América Central, fazendo um pedaço do meu trabalho de campo pro doutorado. À época, a minha cunhada estava grávida em São Paulo da minha primeira sobrinha, a Mel. E eu estava muito mexida com isso, né tava mexida que eu ia ganhar uma sobrinha e tal. E eu tava lá na Guatemala, é, enfim, no meio do mundo das parteiras, eu frequentava uma clínica que era ao mesmo tempo uma clínica de capacitação para parteiras e era uma clínica também obstétrica onde nasciam bebês que as parteiras levavam. Então eu tava naquela mexida de trabalho de campo. Numa das noites eu tive um sonho. E o sonho foi mais ou menos assim. Era um hospital de médio porte, assim, e eu e meu marido, o Micael, a gente tava lá embaixo na parte onde ficam as pessoas esperando e a gente sabia que a minha cunhada tinha entrado com, né, pra ter a bebê, pra parir e tal e a gente tava ali embaixo um pouco ansiedade, um pouco preocupados, como é que vai ser esse parto. E aí o meu cunhado desce e fala: gente vocês não vão acreditar, não tem nenhum médico aqui no hospital! Tá tudo vazio, só tem a gente, que que a gente vai fazer? Aí o Micael olha pra mim e eu olho pra ele e aí eu falo assim: vamos, a gente vai dar conta. Ele: cê tá doida? Eu falei: não, eu pego e você me ajuda! Aí rolou aquela troca de olhares que casais muitas vezes tem de cumplicidade né, aí ele, então vamos Aí a gente subiu, era o primeiro andar, a minha.. minha cunhada tava lá já com muita contração e tudo e aí eu olhei pra aquela cena e eu sabia exatamente o que fazer, né? Então eu coloquei ela numa outra posição e aí eu fui fazendo as manobras, e aí a cabecinha saiu, já tava na posição cefálica pra nascer e aí eu fui segurando a Mel que nasceu e meu marido ia ajudando a limpar sangue, trouxe pano, ferveu água, sabe? E meu cunhado né, o pai da Mel assim meio que atônito vendo aquela cena e aí a gente fez esse parto e Mel nasceu, eu cortei o cordão, ela já foi pro peito, deu tudo certo. E aí quando eu acordei eu falei gente, que que foi esse sonho? Né? Aí eu cometi a besteira, assim, é, de contar pras parteiras no dia seguinte quando eu as encontrei. “Gente, vocês não vão acreditar no sonho que eu tive!” e aí eu fui contando o sonho e elas foram assim abrindo a boca e elas se entreolhavam. E assim, elas foram ficando caladas né, e eu “que que esse povo tem?” então eu tô falando de parteiras muitas vezes com ascendência indígena, né, na Guatemala, com as suas vestes típicas, bem coloridas, todas feitas em tear e elas sentadinhas me olhando, era umas três ou quatro. aí elas falaram: “Soraya, você teve um sonho iniciático! Você foi tocada, você recebeu o conhecimento sobrenatural, divino, pronto!” Ai eu: “pronto o que?” “Você agora foi chamada para ser parteira”.

Música: “Templo do tempo”, de Flaira Ferro

Daniela: Eu vou pedir pra você começar Paula, contando pra gente como foi a primeira vez que você encontrou a Soraya, quando ela chegou lá pra fazer pesquisa no grupo Curumim.

Paula: Olha, eu, eu, digo que foi amor à primeira vista mesmo né?! Bom, acho que houve uma empatia imediata. E pra mim, ela e se propondo a trabalhar com parteiras, dar esse olhar pras parteiras, pra mim foi uma alegria imensa.

Paula: Quando ela chegou lá no curumim né, que eu conheci, que eu vi toda a energia dela, energia bem carinhosa em relação ao que, a paixão que ela mostrou né, quando ela falou do trabalho dela, do interesse dela com esse cotidiano das parteiras, de saber como elas trabalham isso pra mim tem assim um valor inestimável porque eu sou apaixonada também né pelo trabalho das parteiras, tenho um envolvimento muito é muito inteiro assim com esse trabalho que eu faço, que eu fiz como parteira e o trabalho que eu faço com elas né? De uma entrega muito grande. E essa paixão que eu vi em Soraya né rolou a maior empatia né, rolou a maior... eu acho que foi mútuo, foi uma energia assim, muito fácil, um afeto que rolou fácil, sabe?

Soraya: Eu tinha então a vontade de conhecer parteiras mas eu não sabia por onde começar. Eu não conhecia nenhuma parteira em Brasília. E aí a Débora Diniz ela tava, ela tava recém formada no doutorado e eu tava no doutorado e gente se conhecia da pós-graduação da UNB e aí um dia eu conversando com ela ela falou “mas isso é muito simples de resolver! Eu vou te apresentar pra minha amiga Paula Viana. Ela é a grande referência de parteiras no Brasil”. Aí eu falei ah é,? Paula Viana, beleza. Aí eu escrevi um e-mail para Paula, ela falou sim, claro, venha! Super receptiva e eu falei Recife? Beleza, vamos pro Recife. Aí peguei um avião e fui pro Recife... É... e lá no Curumim eu passei então três meses metida dentro da ONG, né, é... conhecendo o trabalho delas através primeiro da convivência delas dentro do escritório e depois, é, através dos documentos.

Paula: Quando Soraya chegou lá no Curumim era um momento assim de algumas transformações e a gente tinha muita, muito trabalho a fazer de organização. E, e, eu tinha muito trabalho pra fazer né como eu falei, aí eu entreguei a ela todos uns arquivos enormes [risos] e ela disse “bom! você pode contar comigo, eu quero trocar, eu quero fazer alguma coisa aqui no curumim” eu falei. “Já é, então tá bom, vem que tem coisa aqui pra fazer”. Então também esse é um aspecto que eu acho super legal é uma confiança, ela conheceu o curumim por dentro né? Ela conheceu documentos que falam muito da perspectiva do Curumim, do posicionamento do curumim, da desorganização do curumim, né.

Soraya: Aí eu faço uma consulta pra Paula e pra Núbia, aí elas não demoram um segundo pra responder, mas é claro! Você precisa ir pro marco zero. O marco zero do programa nacional de parteiras tradicionais, que é lá no Pará, no município de Melgaço. E daí que eu vou parar lá na Amazônia, mas essa é uma outra história.

Paula: O Curumim sempre recebeu as parteiras em sua sede e também foi pro interior e fez muito... Mas foi no Pará que a gente começou essa relação fora daqui e que das possibilidades porque tem uma uma questão muito importante no trabalho com a parteira é que historicamente a gente vive, ainda vive que é o estado tentando interferir na prática da parteira, uma forma de, de uniformizar, né, de higienizar, a prática. Isso sempre foi um ponto de reflexão pra gente. E acho que o teu trabalho, o teu estudo, ele traz essa crítica muito, muito forte, foi, eu fiquei é... eu fiquei assim, não incomodada, mas “caramba”, né? É isso que ela viu, é isso e é verdade esse, foram pontos importantes de mudança.

Daniela: Na conversa prévia, Paula, você falou disso e você qualificou a contribuição da Soraya como um tipo diferente de resultado de pesquisa que envolve uma escuta qualificada, né? E você falou também do quanto a enfermagem e a antropologia são “substâncias diferentes”, são profissionais que têm “substâncias diferentes”, né?

Paula: Sim, é... O trabalho com a parteira tradicional, ele exige uma, um esforço grande de nós enfermeiras, né? Um esforço de não atrapalhar o que vem dando certo, de não tornar aquela prática uma prática que seja perigosa, para nós enfermeiras, né, que somos formadas, eu fui formada muito num pensamento do risco, né? Do risco e da intervenção, e que o que pode fazer ali imediatamente. Nós temos olhares diferentes, né? Nós enfermeiras temos um tipo de olhar e a Antropologia tem outro tipo, né? De olhar, vocês pra mim há ... trabalhar com Soraya nesse campo, fomos juntas pra Santarém, né? Lá no norte do Pará, e, e... e lá assim é um lugar onde muitas parteiras vivem isoladas, realmente, distante de cidades sei lá... 10 horas de barco, 15 horas de barco... e então são parteiras que lidam com o risco todo o tempo. Para uma enfermeira formada, bem na visão intervencionista, medicalizante, biomédica, né, essa, essa, entender certas práticas que as parteiras têm é bem difícil e nós somos limitadas para é... para ajudar né? Então estar lá em Santarém, trabalhando com Soraya, nós trabalhamos dia e noite com vários

grupos de parteiras, acho que tinha umas 25 parteiras, vinte e tanto parteiras. E ver Soraya assim... Soraya só fazia escutar, e pra mim me ensinou tudo que eu preciso e sempre vou precisar né? Que é aprender a escutar. Passando pelos mesmos problemas de outra parteira, de outra mulher que ela nem conhecia e ela vai ver naquela narrativa, naquela conversa, naquele bate papo, naquele... ela vai ver que tem ali uma semelhança, uma irmã né? Que passa por tudo que ela passou também. Pra mim... observar Soraya ouvindo as parteiras e nem imaginar o que ela ia produzir depois porque isso depois dois anos depois foi que eu fui ver o resultado daquele, daquela escuta dela né? E perceber que foi muito mais, ela ouviu muito mais do que eu ouvi enquanto enfermeira.

Soraya: E aí, quer dizer, essa escuta que a Paula tá contando acho que ela é muito própria, não é só da Soraya, né? Acho que é das antropólogas, dos antropólogos em geral, é uma escuta que acontece quando tá no grupão e as pessoas tão falando umas depois das outras a partir de um assunto que surgiu, é uma escuta que assim, a gente tá na fila com o nosso prato pra se servir no almoço e aí tem uma conversando aqui do meu lado com uma outra que tá na frente, eu faço uma pergunta, as duas conversam... na hora de dormir todo mundo deitado e aí alguém faz uma piada todo mundo ri... então a escuta ela acontece de modo um pouco flutuante também, e ela acontece nos momentos menos formalizados. Menos estruturados para onde a escuta tem que acontecer às vezes.

Paula: E contigo foi como se eu pudesse me aprofundar mais na minha relação enquanto profissional com as parteiras, né? Quando você falou do jaleco branco, invisível, caramba! Né? Eu fiquei é... vem uma coisa assim de autocrítica mas é super construtiva sabe? Sempre foi pra mim assim, muito muito até de retrair mesmo, ish, eu tô sendo muito, não é isso.

Soraya: Eu acho muito engraçado a Paula falar isso, sabe? Me surpreendi quando eu ouvi ela falando disso, sobre essa coisa da escuta, porque a Paula pra mim é uma profissional da saúde muito diferente da média. E embora ela tenha tido essa formação na enfermagem dura, é, uma enfermagem clássica assim, né, a Paula é uma profissional da saúde que pela escuta que eu também acho também extremamente sensível e diferente das suas colegas e dos seus colegas profissionais da saúde sabe, Dani, porque ela deixa as pessoas falarem, no ritmo delas, ela não interrompe corrigindo, e falando não, não se pode fazer parto desse jeito, não mas você esterilizou tal coisa? Você considerou o protocolo? Ela não interrompe fazendo nenhum tipo de correção ou de, é... de crítica, sabe? E eu acho que isso é muito diferente em geral, porque os profissionais da saúde são por excelência prescritivos. Eles tão muito imbuídos na socialização dos profissionais da saúde ela passa muito pelo lugar de você, você construindo uma persona profissional de muita autoconfiança e de que você está fazendo tudo a partir de uma verdade que é a verdade. Então essa é uma socialização muito forte que os profissionais da saúde têm, e quebrando isso pra ouvir outras verdades para se questionar sobre a sua própria verdade, isso é muito especial.

Paula: Eu sei que eu faço parte de um grupo de profissionais, de médicos, enfermeiras que tem essa escuta, né, eu sei que eu faço parte dessa, dessa... gangue! [risos] que defende o SUS, que senta no chão, né? Que conversa, eu sei disso, mas mesmo assim! Tirar o jaleco é muito difícil, entendeu? É muito, muito, muito difícil e eu acho que essa relação contigo me ajudou muito a saber tirar esse jaleco, sabe? Saber dar uma... “ops não é hora de jaleco branco agora”, entendeu? [risos] Isso me ajudou muito até hoje, sabe? De perceber e por isso sou cada vez menos enfermeira, a culpa é dela [risos]

Soraya: É uma antropologia da saúde que eu faço o tempo inteiro pensando em resultados que podem ser úteis embora críticos, para formulação de boas políticas públicas de saúde. Acho que é ainda mais importante a gente falar disso hoje, porque a gente tá num caminho de uma minimização do estado, uma

desvalorização da política pública, e também uma constante invalidação do SUS. Então esse é o tipo de antropologia da saúde que eu faço, é aí que eu me localizo. Por isso, e não é à toa que eu escolho fazer pesquisa dentro de uma ONG, que eu sei que tem uma interlocução com a política municipal, estadual e federal e às vezes até pactuando né? E cumprindo todas as assinaturas de políticas internacionais pelos direitos, por exemplo, da saúde reprodutiva das mulheres, né? Então não é à toa que eu faço essa entrada, ela é proposital. Ela não só tá com o pé no chão estudando coisas que são importantes para a política pública como também aprendendo com pessoas que estão fazendo esse diálogo, né? De forma muito qualificada.

Paula: É, eu acho Soraya, que essa questão é fundamental no SUS, entendeu? Assim, o SUS, ele foi construído né, ele foi pensado para ser adequado à cada comunidade né? De ter os profissionais mais perto da comunidade, né, de fazer diagnósticos situacionais, tudo isso é planejamento e ação do SUS. E essa, essa perspectiva né? de entender a política pública como uma política que é construível, assim, ela constrói né? Ela se constrói sendo implantada.

Daniela: É, e mais uma coisa que eu queria comentar do que vocês contaram que é parecida com isso que é a coisa da puxação, quando a gente leu o capítulo que a Soraya fala da puxação que ela fala e vai mostrando que o que tá em jogo ali é uma leitura que as parteiras fazem da mulher, da família, de que contexto que é uma perspectiva muito mais holística, né, é um trabalho muito amplificado esse né? das parteiras.

Paula: Você lembrou da puxação e pra mim também foi assim, sabe, como se tivesse é... afinando o piano, afinando o meu método de trabalho, sobre isso, né? O meu medo sempre foi, no início, quando eu cheguei no norte e vi a puxação era o descolamento da placenta, sem dúvida. Mas já dizia que as orientações que a gente tinha, né, não orientação, mas nas conversas com o Ministério da Saúde ou com gestores do Estado, essas coisas, a puxação “a gente tem que acabar com a puxação, é muito perigoso, e elas botam alho e bota e a mulher chega toda melada, né, com a barriga toda cheia de alho, de óleo de andiroba, sei lá, de óleo de várias coisas”. E isso assim fugia totalmente ao que elas esperavam quando a mulher chegasse, do jeito que eles acham... Mas entender isso é muito se deve não a minha reflexão ali, trabalhando com elas, mas o que, é... a antropologia e aí a Soraya trouxe pra gente como elementos de análise, que ali é uma relação que se funda na confiança que é muito mais importante do que possivelmente um descolamento de placenta, que é raro! Né? Se a gente for partir do pressuposto que todas as mulheres praticamente que moram principalmente que moram mais nas regiões ribeirinhas fazem a puxação mês a mês, ou semana a semana, ou como elas acham, então é insignificante o número de complicações que podem, né, ocorrer. O que me fez afinar a minha prática assim com, nesse trabalho metodológico, foi de tentar fazer com que a parteira entendesse melhor a anatomia, né, pra ela aliar, entendeu, a prática dela, a experiência dela com uma visão do onde ela estava tocando, né? Não inculcar medo, entendeu, não é isso, mas toda a parteira, realmente, é curiosa. Toda a parteira que eu conheci na minha vida gosta de aprender. Elas absorvem tudo, elas são muito assim, dedicadas a aprender sempre. Mas o aprendizado delas vai sendo na prática mesmo, né? Quando ela erra, acerta, vai ver o outro parto.

Soraya: E esse aprender na prática ele na prática cotidiana, do acertar, do errar e tal, é comum a qualquer profissional. Eu quero só lembrar que uma das coisas que mais me assustou quando eu cheguei lá em Melgaço foi conhecer alguns médicos que iam trabalhar no posto de saúde lá e que em todo o seu currículo de medicina na Federal do Pará nunca tinham feito parto. Né? E aí chegavam lá dando ordens, corrigindo e tudo, parteiras que tinham quatrocentos, quinhentos, oitocentos partos no currículo. Então

é muito interessante porque eu começo a perceber que muitos preconceitos com terapeutas populares não passam necessariamente pela técnica, mas passam pela cor da pele, pela falta de dentes na boca, pela não escolaridade, não ter um diploma, por morar numa casa que não tem saneamento básico. Então nós estamos falando de outras coisas né que são tão estruturantes no Brasil né, de preconceitos e racismos e classistas de toda ordem.

Paula: Eu acho que o que eu aprendi com parteira, com as parteiras, foi a não ter pressa. [risos] essa foi uma resposta de uma parteira lá de Minas, Só, Dona Geralda a médica, ela disse “por que... eu tô no meio do caminho dessa mulher! Ela podia ter parado no hospital, eu tô lá de plantão. Por que, Dona Geralda, ela pára na sua casa pra ter o bebê com a senhora? Qual é a diferença entre eu e a senhora?”. “A diferença entre eu e você, minha filha, é que eu não tenho pressa”. Isso é bem importante, isso é a essência da obstetrícia. É observar, né, é saber que cada mulher e cada bebê tem um ritmo, tem uma característica, vai ter uma necessidade também diferente. Essa escuta qualificada ela passa por isso, a não ter pressa, né?

Música: “Templo do tempo”, de Flaira Ferro

Miolo

Soraya: Uma coisa que me chamou a atenção que eu acho bem interessante que tem a ver com o mundo... das parteiras e o mundo da antropologia, que é o que a Paula fala que que ela aprendeu ela falou olha... uma das coisas que eu aprendi com elas é de que não dá pra ter pressa. Né? E quando a gente pensa a antropologia no panteão de outras áreas, a antropologia, ela é muito artesanal. A gente passa meses muitas vezes né, muitas vezes a gente passa meses em campo, morando longe de casa, ou a gente passa anos indo e vindo do nosso local de trabalho, onde a gente faz a nossa pesquisa e... e esse tempo ele não é o tempo dos financiamentos, das publicações, não é o tempo que precisa alimentar a máquina editorial para que as revistas tenham qualis alto, né, não é o tempo inclusive da produção de uma política pública que chegue nas pessoas. Então... eu acho que tem isso, a gente não ter pressa porque a gente está aprendendo sobre o mundo do outro. E eu gostaria de valorizar esse lugar da não pressa na antropologia. É o tempo do outro que a gente está entrando. É o espaço do outro, no qual a gente está entrando, sabe? Tem respeito nisso, tem comunhão de tempos nisso e, e o tempo da escrita também que é um tempo de reflexão, amadurecimento, vai, volta-

Daniela: Sim. Na conversa prévia a Paula falou uma coisa muito bonita mostrando como ela aprendeu isso com as parteiras, como se elas tivessem essa sabedoria de, quem não está no controle, né? De quem está lidando com os processos de vida e morte, que estão em jogo num parto, mas que não tem a pretensão de controlar esse processo. E eu acho que toda a história da medicina científica e da biomedicina foi uma história de, é... exclusão dessa sabedoria e dessas mulheres dos cenários de parto, né? É um processo extremamente violento pras mulheres que tiveram que passar a ser vistas como pacientes num processo nos quais elas, é... sempre foram muito mais ativas, né? Então, eu fiquei muito tocada pela forma como a Paula falou que ela aprendeu isso com as parteiras, mas ela falou que aprendeu também muito com as parteiras através do seu trabalho, né? Através do seu tempo, despendido, de um ano morando junto com as parteiras tradicionais, aprendendo a enxergá-las, desenvolvendo isso que a Paula chamou de uma escuta qualificada, né?

Soraya: Inclusive Dani sobre isso ela usa uma expressão que eu achei interessante, ela falou.. é... é, porque o trabalho da Soraya ajuda a afinar o piano, né? E eu acho que ela tá falando justamente do que você acabou de falar, que dizer, retornos que eu fui dando não necessariamente pra ela exatamente ou sobre o trabalho dela somente, né? Mas retorno sobre esse mundo do parto domiciliar e sobre a atenção primária dentro do SUS, né, onde a obstetrícia de parto normal entra então retornos, insights, outras maneiras de pensar tudo isso e foram absorvidos por ela, é, de modo construtivo. Eu acho que isso é muito legal porque às vezes quando a gente produz as nossas etnografias, as nossas reflexões, alguns profissionais da saúde ficam muito melindrados, né? Eles não autorizam que outras pessoas que não têm a formação em saúde, eles não autorizam que essas pessoas dêem pitaco. É... então eu, o que eu acho é que a Antropologia da Saúde é uma área em que a gente tá sim em diálogo com muitos profissionais da saúde, usuários da saúde, pensadores da saúde, né, e por mais que nós não coloquemos a mão na massa às vezes só num sonho iniciático, né, mas enfim, por mais que a gente não ponha a mão na massa pra ajudar um procedimento, um curativo, uma cirurgia, a gente também tem muita coisa pra aportar sobre saúde pública, né?

Daniela: É, é bom que tenha profissionais de saúde que estejam abertas a aprender a escutar, né, e acho que a Paula é muito evidente, ela sempre se coloca nesse lugar não só de encanto com a antropologia como essa disciplina que escuta com qualidade, né? Escuta qualificada, como ela se abre também para ouvir aquilo que você ouviu, né?

Música: “Cordões umbilicais”, de Flaira Ferro

BLOCO 2: Maternidade e pesquisa

Soraya: Eu vou voltar para Melgaço, que é o seguinte. Quando eu tava fazendo pesquisa lá, eu tava com meus trinta anos e eu era percebida de uma forma muito anômala pelas pessoas. E a dona Dorca, que é essa parteira que Paula me apresentou e que me recebeu na casa e na família dela por tantos meses, a Dona Dorca explicava pras pessoas assim né: Olha, a Soraya pode parecer um pouco estranha pra vocês porque ela é sem filho mas ela é com sexo. Né? Eu estava numa época já querendo ter filhos, e já jogando sem goleiro há algum tempo já, como se diz. E aí um dia a Dona Dorca falou assim, deita aqui, deixa eu puxar você. Vamos ver se está acontecendo alguma coisa. Então foi muito legal, porque além de ver puxações todos os dias por diferentes motivos, a dona Dorca me ensinou a puxação de outras duas maneiras. Ela pegava a minha mão e colocava minha mão sob a dela e ela ia me guiando pelas barrigas das grávidas que ela acompanhava, ela falava, aqui tá a cabeça, tá sentindo o joelho aqui? Aqui tá não sei o que. E aí depois também ela foi me puxar e me ensinando enquanto me puxava. Ela me deitou, lambuzou a mão com óleo de cozinha para a mão poder deslizar e esquentar ao mesmo tempo, não colocar uma mão gelada na minha barriga e foi mexendo na minha barriga, na minha pelve, aqui embaixo das costelas e tudo mais, passo um tempo ali depois de falar um monte de coisas e me explicar onde ela tava passando a mão, ela falou: “cê tá ótima! Cê tá pronta!” E aí isso foi 2005, quando foi em 2009, eu engravidei. E já tava aqui, já tinha terminado o doutorado, já tinha terminado a tese, e tava revisando o livro pra poder publicar. E virou um livro muito sobre a Dona Dorca.

Paula: E eu levei o livro pra ela revisar! Lembra? Eu fui pra Belém um mês antes de ela falecer, dois meses antes de ela falecer.

Soraya: Ah, então você levou em papel impresso, né Paula?

Paula: Foi, você me deu pra eu mostrar a ela, pra ler partes, deixei com ela lembra?

Soraya: Eu não me lembro disso!

Paula: Foi um mês antes de ela morrer.

Soraya: A Paula está resolvendo aqui um grande problema que eu tinha, eu não sabia, não me lembrava disso. Porque a Dona Dorca falou pra mim no trapiche, quando ela me botou no barco pra eu ir embora, ela falou: você só volta aqui com o livro que você está escrevendo sobre a minha vida. Você não pode pisar aqui sem o livro! Gente! Eu não me lembrava disso! Pronto, resolveu uma gestalt que estava aberta! Uma dívida que eu tinha com ela! Porque eu não consegui o livro só ficou pronto em 2011, ela tinha falecido e eu nunca mais consegui voltar em Melgaço por esse sentimento de endividamento. Pronto, agora eu posso voltar. E, então eu engravidei em 2009 e claro que já contei pra Dona Dorca e aí ela começou a fazer comigo consultas de pré natal por telefone e Paula também, naquela época é tudo pré WhatsApp, então é tudo por telefone fixo. E a Paula também. Então a gente se falava pelo telefone, com uma e com outra, e a Dona Dorca fazia questão que eu contasse pra ela. Como foi seu mês? Aí eu contava, senti isso, senti aquilo... ela falava: pra isso toma tal coisa, pra tal coisa deita, não faz exercício assim, eu tava grávida de gêmeos, ela tinha um pouco de preocupação. E aí ela ia me recomendando o que fazer aqui, ali, e tal. E aí, eu tô contando essa história desse jeito pra vocês verem como é que a minha relação com essa pesquisa, com Paula, com dona Dorca e com a minha maternidade vão se entrelaçando. Porque na semana inicial de maio de 2010, eu tava com seis pra sete meses de gravidez, a Paula me pediu: "Soraya, escreve aí um texto pro Dia Internacional da Parteira", porque eu também fui assumindo esse lugar dos convites de Paula e do Curumim muitas vezes eram: sistematiza uma ideia pra gente num texto, vai numa reunião pra gente e faz um relatório pra nós depois? Então o lugar da escrita, ela foi muito é... demandado pela Paula, pelo Curumim, e eu fazia com muito gosto, né? E aí ela me falou: dia 05 de maio é dia internacional das parteiras, eu queria que você escrevesse assim uma coisa de uma página e pouco, pra gente colocar na página do Curumim, pra gente celebrar o dia. Eu falei, claro! Claro. Aí dia 05 de maio eu acordei cedo, já tava com um bucho gigante já, não conseguia dormir direito mesmo, falei ah, quer saber, já vou escrever o texto que Paula pediu. Meia hora, uma hora eu consigo escrever, já tenho a história que eu quero contar. Deu 7h da manhã, toca o telefone, era a Andréa. A neta de Dona Dorca, me ligando aos prantos, não conseguia nem falar direito, soluçando sem parar, eu tive que esperar ela se acalmar pra me falar o que é que tinha acontecido, eu já senti que tinha alguma coisa grave. Pois então, a Dona Dorca tava em cima de um caminhãozinho de som, uma Kombi de som assim, lá em Melgaço, e com o microfone na mão fazendo um discurso sobre o Dia das Parteiras. E ela teve, ela era hipertensa, ela tinha dificuldade de controlar a pressão arterial dela e aí ela teve um infarto fulminante e morreu ali, no lugar de liderança, no lugar de parteira com microfone na mão falando para a comunidade dela sobre o lugar das parteiras.

Música: "Cordões umbilicais", de Flaira Ferro

Soraya: Essa coisa de parteiras, e Paula, e minha maternidade e aí é... mais recentemente, assim, Cecília tá agora com 10 anos, Paula sempre vem à Brasília porque ela é uma das pessoas mais importantes do movimento feminista do Brasil nos últimos, nas últimas décadas e vem fazer muita articulação em Brasília. E aí ela felizmente começou a deixar de ficar na casa de umas outras amigas dela e começou a ficar mais aqui em casa hospedada, porque aqui é do lado da esplanada dos ministérios. Eu fui adorando essa coisa

de Paula ficar com a gente, porque ela sempre tinha uma agenda muito intensa de trabalho, pra lá e pra cá, congresso nacional, CFEMEA, que é uma outra ong feminista com quem ela articula muito aqui, e encontros, e encontros e articulação e tal. Mas ainda assim era maravilhoso poder ter a Paula aqui no final do dia, tomava banho a gente ia lanchar, ia tomar cerveja, é... e ela convivendo com a Cecília, né? Convivendo com a Cecília, essa coisa de ela ir começando a trazer Recife pra dentro da minha casa e trazer bolo de rolo e tudo mais pra Cecília e conquistando a Cecília. E cê sabe, Paula, que semana passada a Cecília falou uma coisa pra mim do nada assim, ela falou assim: É, eu sei que a gente é uma família assim que não é muito ligada nessas coisas que a vovó é ligada né, essas coisas de missa, e batismo, essas coisas, a gente é mais assim ateu, né? Mas assim, mamãe, se eu pudesse escolher uma madrinha, eu queria que fosse a Paula. Ela falou isso! Eu fico emocionada porque ela falou isso na semana passada. Pode ligar teu microfone aí, mulher! [risos]

Paula: Eu quero! Pode fazer um batismo dela!

Soraya: Então pronto! Hoje é um dia de revelações, né Dani!

Paula: Eu falei pra Dani que eu e a Soraya a gente foi adquirindo.. vários lugares né? A gente foi... e as pessoas confirmam isso né Soraya, porque você já foi minha irmã, e é minha irmã, você, a gente não tem irmã, então a gente se adota como irmã. A gente já foi amiga, a gente já foi pesquisadora e pesquisada, [risos]. A gente já foi cumadi, né? E agora comadre de novo, pronto, tá fechado. Ah, eu já fui tua mãe também! É...

Soraya: E outra, né? A gente é xerox! Que essa é uma outra história, que é muito interessante, né, quando você chega pra fazer o trabalho de campo em um lugar em que a referência é uma pessoa em comum que te liga aquele campo e as pessoas acham que você parece muito com aquela pessoa. Então no campo eu fui apelidada de xerox. Ah lá vem a xerox. A xerox de Paula, é a xerox, a xerox. [risos]. Tem um outro lugar que a Paula tem ocupado mais recentemente que é o lugar de anfitriã, e mais recentemente nos últimos quatro anos eu tenho feito pesquisa de novo em Pernambuco, acompanhando então as consequências, as sequelas, enfim, os desdobramentos da epidemia do vírus Zika. Sobretudo para as famílias atingidas pela epidemia. É, então, por conta da maternidade também, o desenho metodológico que a gente fez pra essa pesquisa foi, é, fazer visitas ao Recife onde a gente começou a criar um conjunto de interlocutoras, construir relação com um grupo de mães, fazer essas visitas, fazer visitas quinzenais a cada semestre. Então claro que tem aí o fator da minha maternidade que é, não conseguir ficar mais do que isso longe de Cecília, mas também porque logo que a gente chegou em 2016 as mulheres as mães das crianças que foram atingidas pela epidemia elas começaram a nos dizer “olha, a mídia parou de cobrir a nossa história. Foi cobrir o golpe. Né, que a Dilma sofreu”. Depois elas disseram, “olha, as doações estão minguando, as pessoas estão doando coisas pra outras histórias”, tá. Depois elas disseram “olha, os pesquisadores estão sumindo porque a gente entendeu que o dinheiro de financiamento de pesquisa está acabando”. Então elas foram nos contando sobre sucessivos abandonos que elas estavam sentindo em campo. Então quando elas começaram a contar isso eu falei, vamos fazer um desenho diferente; vamos ficar em campo mais tempo. Vamos fazer um planejamento diacrônico dessa pesquisa em vez de fazer um intensivão de muitos meses, que é o que eu tinha feito no Pará, e que muitos pesquisadores fazem, mas vamos fazer agora um outro desenho, que é a cada semestre e fica 15 dias. 10, 15 dias intensamente fazendo pesquisa. E foi assim que a gente acabou indo sete vezes ao Recife, de 2016 a 2019.

Paula: Aí novamente eu me dei conta, Sô, que novamente você chega com uma proposta de trabalho, né? Num momento em que o Curumim tava, a gente começou a enfrentar essa situação da epidemia do Zika

já em outubro de 2015. Né. Tem 5 anos. E nos angustiava muito, como organização feminista, que não se dava, não se fazia a escuta das mulheres. Né. Se colocava luz sobre o bebê, e isso a mídia, a imprensa, tratava com muito sensacionalismo, né? Os bebês com microcefalia, né? Isso. Se falava do mosquito, né? Em torno do mosquito. E a mulher totalmente invisível. Desde a gravidez, o parto, o pós-parto, como era tratado. Então a gente... tinha muita coisa ali em relação à vivência da mulher diante dessa tragédia, né? Que foi o zika. E, novamente, essa relação de confiança, tipo, “ai, que bom que a Soraya vai trabalhar com isso”, sabe? Chega dá um descanso, assim, sabe, “ah! que bom que a gente vai poder ter esse lado, né?” Desvendar, né? Várias questões que normalmente a gente não ouve, nem através da gestão pública de saúde, nem através tampouco da imprensa e tal.

Soraya: Dessas vezes todas eu fiquei várias vezes na casa de Paula. Poder acordar, encontrar e dormir perto, e fofocar e conversar, e se encontrar, é... com a Paula e com todas as pessoas que circulam pela vida de Paula que tem uma coisa muito de visitação à casa de Paula, e Paula que vai aqui, Paula que vai ali, gente que chega, gente que sai, então é um lugar muito... interessante pra se estar no Recife. Um lugar onde muita coisa acontece. Mas é muito interessante a gente poder ter essa convivência mais cotidiana na casa da nossa interlocutora, na casa da nossa parceira de pesquisa né, ou mesmo a essa altura depois de 16 anos, uma amiga mesmo, né, uma irmã feminista, uma irmã de escolha né que a gente faz nessa vida. Então tem um nível de profundidade de relação que é um grande privilégio que eu tenho na minha vida como antropóloga e como, claro, como pessoa, né? Como mulher, como mãe. Acho que uma das coisas que a gente troca muito também, atualmente, é como criar filho, né? Então a Paula me ajuda, a Paula tem um filho adulto, eu tenho uma filha que é criança. Paula me dá muitas ideias, assim, de quando vão aparecendo os perrengues da minha maternidade, né? Acho que ela não tem noção, assim, de quanto que me ajuda, me acalma, me dá luz, faz comparações, me apazigua, né? Morre de rir da minha cara, também. Essas coisas né, Paula?

Paula: Então, aí é meio misturado, né? essa experiência afetiva, com a experiência institucional. O que eu vivenciei, assim, desde o primeiro momento, desde a primeira vez que vocês vieram né? Você veio com esse grupo de alunas, é, foi é, uma palavra que tá vindo na minha cabeça agora... uma tessitura, sabe? Aquela pesquisa, ela não é só interação pesquisadora-pesquisada, sabe? Não é só isso. É a pesquisa sendo feita desde acordar de manhã, sentar pra tomar café com cuscuz, né? (risos) Cara de sono, uma aborrecida, outra com dor de cabeça, outra atrasada no diário de campo. E eu, às vezes, quando tu não tava, eu chamava uma das alunas e falava “olha, escreve, é muito importante mesmo o que ela está falando, essa coisa do diário de campo, escreve mesmo! Não perca nada!” Eu que não sou antropóloga dando conselho pra antropóloga, pra uma estudante (risos). Mas escreve tudo, mas ela tinha razão, é isso mesmo. Mas essa tessitura, sabe? E isso faz com que eu admire mais como se aproveita disso. Quer dizer, o que é mais importante é o que a mulher vai, o depoimento dela, o que você vai falar, vai compor o resultado... mas o que é mais importante é como ela vem sendo feita, e essa forma coletiva que eu fiquei muito de acolher, né? Mas também de observar, e né? Muitas vezes de ouvir, né?

Soraya: E, eu acho que com a Paula, assim, foi criando uma coisa muito legal, né? Por que tinha dia que a Paula estava com tempo um pouco mais tranquilo na agenda dela, aí quando a gente acordava e a Paula já tinha, assim, fritado queijo coalho, cozinhado um cará, feito um cuscuz, era um banquete assim. E aí, era um café da manhã mais calmo, também, né? Então dava tempo de eu contar pra ela alguma coisa que eu tivesse ouvido no dia anterior que tinha me chocado muito, alguma violência, alguma... algum embate que essa mãe de micro tivesse feito. E a Paula sempre, sempre trazia algum aporte absolutamente inovador pra mim. “Você pensou em tal coisa?”, “Ah, ela mora em qual bairro?” “Peraí, lá nesse bairro

tem uma pessoa muito interessante, que pode ajudar..." "Ah, eu li um artigo sobre isso". E aí, ia, assim, a Paula sempre tinha alguma coisa muito interessante pra comentar, e que somava pra nossa pesquisa, né, qualificava, aprofundava a nossa pesquisa. E, além dessas conversas, tinha coisas também de, "ah, eu tô indo pra tal lugar, vocês querem uma carona?". E ela aí ela nem estava indo para aquele caminho, ela desviava o caminho para levar a gente lá pro alto da Nova Descoberta. Sei lá, rs. Por mais que ela não tenha um contato às vezes imediato com a mulher que eu vou entrevistar, por exemplo, ela tem esse conhecimento de contexto que faz a minha pesquisa ganhar um salto, né? Assim, impressionante. Então, eu queria reforçar isso, eu não sei se ela sabe que tem essa contribuição... ela é... agora estou descobrindo que ela é uma assistente de pesquisa, né, ou mesmo uma pesquisadora junto comigo, porque na minha ausência fica tocando ali a coordenação da equipe, né? Hahaha, adorei saber disso.

Paula: Eu queria falar de um fio que tem, assim, passado. A gente tem se voltado muito, né? Esses anos de amizade, Sô, sobre a maternidade, né? De vários ângulos, assim. E não, a gente não abordou diretamente, por exemplo, o assunto parto. Não. Mas tudo em torno daquilo. O assunto mãe, ou maternidade. Mas tudo que vem junto disso. É trabalhar, por exemplo, o papel de mãe da parteira, né? Dona Dorca acompanhar você, né. Ela ali, ela também assume um papel de mãe, né? De guardadora, de protetora, né? Isso me emociona muito, né? Me emociona muito. Porque eu lido muito com o desejo, o respeito ao desejo de ser mãe. Eu acho que quando, nesse campo, é bem difícil as mulheres serem respeitadas, né? No seu desejo. E eu quero, assim, deixar isso gravado, que é nisso da gente falar sobre a maternidade, a gente aprende a ser mãe, né? E que a minha relação com Rafael, com meu filho, também mudou muito dentro dessa, desse período aí, né? Mudou muito. Uma coisa que ele me chamava sempre atenção era: "pô, mãe, me escuta!" E eu porra, escuto. Mas eu não escutava! Sabe? Essa coisa assim, a escuta, realmente, é muito especial, e isso você tem me ensinado muito. A escuta nessa, nesse ambiente de proteção, né? De cuidado. Não uma escuta para produzir alguma coisa, entendeu? Você não tá... a escuta da antropóloga Soraya não era só pra antropóloga Soraya produzir conhecimento, mas de qualificar a própria relação, sabe? Então, eu sou muito grata por isso, sou muito grata mesmo.

Fechamento

Música: "Cordões umbilicais", de Flaira Ferro

Daniela: Eu achei muito bonito assim, porque a relação de vocês na verdade é uma relação de parentesco, né? Ela se refere como a você, vocês se referem umas às outras como mãe, irmã, comadre, xerox, né? Tem uma série de classificações aí que remetem a uma similaridade entre vocês né? Um encontro de vocês é um dos casos mais longos, é uma relação que tem dezesseis anos já, né? Então muita coisa aconteceu, né? Então achei bonito também que é um ciclo que não acaba né? Com uma boa relação de amizade, entre mulheres, que são parceiras, que partilham visões de mundo, achei muito bonito.

Soraya: Quando eu conheço a Paula ela me é muito referenciada como uma pessoa que sabe muito desse mundo do parto domiciliar. Mas foi na passagem do tempo, encontrando pessoas que haviam trabalhando com a Paula, sobretudo as parteiras, né, sobretudo as parteiras, mas outras feministas ao redor do Brasil, aqui em Brasília também, são essas outras pessoas que vão me mostrando facetas da Paula e vão me mostrando o quanto ela é conhecedora desse mundo do parto, da política pública do parto, do feminismo e a saúde reprodutiva e aí eu vou percebendo mais e mais né? Como ela é essa mulher sabida mesmo, experiente e respeitada em campo. Então o tempo também me ajuda muito a ir

percebendo e me encantando ciclicamente, como você diz, pela autoridade dela. Nesse lugar, né? E isso só se confirma com os novos encontros que a gente vai fazendo. E, mais recentemente, no cenário da epidemia do zika e agora da epidemia do covid. Então é.... acho que é um encantamento mútuo né?

Soraya: Tem uma coisa que ela fala né Dani, no final, que ela fala “é porque é muito misturado. O afetivo e o institucional”. Ela não fala o afetivo e o antropológico ou o afetivo e o profissional. Sabe? Eu achei muito interessante ela falar do institucional porque ela também tá se colocando o tempo inteiro como grupo Curumim e como a ONG onde ela trabalha e a rede com a qual o Curumim articula se beneficia dos meus produtos antropológicos. E se beneficia também da rede de antropologia da qual eu venho e também coloca serviço, né? Então é, pra mim é muito legal porque fica muito transparente que, sim, a gente também se beneficia em termos institucionais, políticos, né? É... não é só um ganho pessoal, mas tem todo um coletivo que se beneficia e aí isso é legal! Eu gosto disso, fica muito claro a reverberação possível né? dos resultados da Antropologia.

Música: “Mudernage”, de Ellen Oleria

Daniela: É isso, pessoal, chegamos ao fim desse episódio lindo que falou sobre tantas coisas importantes, maternidade e nascimento, pesquisa coletiva e amizade. Queria agradecer Soraya e Paula por dividirem conosco um pouco da sua experiência juntas. Obrigada também aos estudantes que participaram da edição desse episódio conosco: Milena Peres, Janaina Aleixo e Lucas Carrasco.

Soraya: O Mundaréu integra a Rede Kere-Kere, uma recém criada rede de podcasters de Antropologia. Se quiserem conhecer outros podcasts desta Rede, é só acessar o site www.radiokerekere.wordpress.com/ ou seu Instagram, @kerekerepod. E agradecemos sempre aos nossos financiadores por possibilitar que a nossa equipe toque o Mundaréu. Na Unicamp, contamos com o financiamento do SAE e da PROEC, e na UnB, com o apoio do PIBIC, do CEAD e do DAN, o Departamento de Antropologia. Minha pesquisa sobre a epidemia de Zika no Recife contou com o apoio do edital universal do CNPq. E a gente ficou super alegre que a cantora pernambucana Flaira Ferro, sugerida pela Paula, tenha permitido que tocássemos as suas músicas. Uma em especial, “cordões umbilicais”, tem tudo a ver com esta conversa toda que fizemos e de uma de suas estrofes veio o título deste episódio.

Daniela: Acesse nosso site para conhecer mais sobre as pesquisas de Soraya, sobre o grupo Curumim e as atividades da Paula: mundareu.labjor.unicamp.br. Acompanhem nossas redes, estamos no Instagram, Twitter e Facebook. Mês que vem estaremos de volta com o próximo episódio!

Soraya: Valeu, Dani, até lá pessoal. Um beijão!